

The image is a vertical composition. The top half features a dense, overlapping collage of small, rectangular pieces of paper, some with handwritten text and others with small photographs. The background of this collage is a larger sheet of paper with faint, handwritten text. The bottom half of the image shows a large, smooth, reddish-brown rock, possibly a piece of volcanic rock, resting on a light-colored surface. The rock is partially covered by a semi-transparent white rectangular area that contains the text.

**CANTORIO  
E ANTIGOS  
POEMAS**

**FERNANDO  
DA ROCHA  
PERES**

# Vozes ao redor

● Jacyra Andrade Mota

*Cantorio e antigos poemas*, como sugere o título e como explica Fernando da Rocha Peres, em seu Posfácio, traz dois momentos, o atual – o da pandemia – e um passado, em que se encontram males presentes em todos os tempos.

Em *Cantorio*, cinco poemas se referem direta ou indiretamente à pandemia. Em *Cantoquina*, que inicia a série, dedicado ao médico Esculápio, o poeta comenta os desacertos no combate ao vírus mortal, que se apossou de todas as terras, terminando com o desejo de que a ciência seja vitoriosa no país que, com Oswaldo Cruz e Manuel Pirajá da Silva, venceu, no passado, endemias e epidemias.

A sua postura no enfrentamento à pandemia está também em *Cantovamos*, em que ele evoca “O Trenzinho do Caipira” de Heitor Villas-Lobos para uma viagem durante esse tempo e uma chegada feliz, “para escrever uma receita de pão, democracia e paz ...”; em *Cantomemo*, dedicado a Urania, musa sempre ao seu lado, em que prefere se afastar do presente, para voltar ao passado, na Praça de Aranjuez, “longe dos gadanhos da parca, da loucura dos desgovernos que estrangulam a esperança de nosso país brasileiro”; em *Cantovida*, dedicado ao seu pai, em que dá notícias de como está vivendo agora “vendo a sombra pandêmica descer sobre a cidade onde habita ainda, com seu mar de Baía deslumbrante! ”; e em *Cantoviral*, que explicita o seu temor pela fúria de duas viroses, a da Covid 19 e outra “que estiola a paz do brasileiro”. Ao final, o poeta conclama: “É preciso imunizar nossa alma e nosso corpo”.

Em *Cantotriste* e *Cantoduro*, o comentário se volta para o que ele identifica, muito precisamente, como urbanicídio, propagado em transmissão de TV com relação à Torre de Belém, e praticado na Bahia com a derrubada da Sé, em 1933, e com a destruição dos testemunhos

do passado e das matas, em razão de aberturas de ruas e avenidas, que continua a ocorrer, para a modernização da sua *Salvadolores*.

*Cantogrito* e *Cantobio* são também cantos que revelam a tristeza do poeta diante da degradação das cidades. Em *Cantogrito*, ele compartilha o desencanto com Clarice Lispector “em estátua ao relento”, “cercada de lixo e monturos sujos”, em uma cidade dita “maravilhosa”. Em *Cantobio*, com um pássaro-lira “indignado com os ruídos da cultura (...) que atordoam as cidades e destroem nossas florestas”, terminando com a esperança de que haja “um além”, após a passagem por uma “boamorte ou malamorte”.

Em *Cantofundo* o mal é um “óleo tão maléfico que mata onde aparece” contra o qual ele invoca a proteção de “Santos e Orixás”.

*Cantopia* saúda um “ano novo insurgente no horizonte do possível, para os afetos e apreços”, com exclamações de esperança e rebeldia.

Em *Cantosim*, ele manifesta seus desejos pós morte e ressalta a importância do amor e da amada “para o viver e o sonhar, nas rondas do *coronavirus*”; em *Cantogranito*, relembra sua estada em Monsanto.

Os *antigos poemas* aproximam-se dos temas que aparecem em *Cantorio*, quando, ao se referirem a outros tempos, falam de Salvador, no poema dedicado ao arquiteto Luís Dias, responsável pela construção da cidade, em 1549; expõem, criticamente, os problemas da *Res/Pública*; em *Criação*, revelam uma visão pessimista do ser humano, que não “deu certo, pois o homem trincou a cozedura”; tratam de “um tempo surdo e obscuro”, “uma guerra”, “uma bestialidade que se insinua”, na *Segunda Versão do Antipoema*; em *Diluviano*, apresentam a visão apocalíptica de um dilúvio em que “os poetas naufragaram”; falam de “contendas e marreteiros”, em *Canção do Autoexílio*. E no último poema do conjunto, *Mandado*, referem-se às bulas que determinavam a posse de terras e às bulas de remédios, que “rezam combinações de fórmulas para o domínio dos vultos desnudos, no frio”.

Em *Oranação*, há queixas ao Senhor, mas também súplica de piedade e perdão.

Ademais da atualidade dos temas e da riqueza de imagens, o leitor se deixa levar pela prosa erudita, com referências à mitologia e à história,

com imagens metafóricas que amenizam o medo da doença, a dor do afastamento social, a revolta com as providências que não chegam ou se apresentam equivocadas.

Merece um destaque especial a criação de novos vocábulos, com formações mórnicas inovadoras, como as que se encontram nos títulos dos poemas em Cantorio, estruturadas a partir do substantivo *canto* – Cantoquina, Cantovamos, Cantomemo, Cantovida, Cantoviral, Cantotriste, Cantoduro, Cantopia, Cantofundo, Cantosim, Cantogranito, Cantobio e Cantogrito – e ao longo de todos os poemas, como noitedia, almapele, fortevoz, alegrecidade, biotempo e muitas outras; ou, com prefixações e sufixações não usuais, como em falastrantes, estranhura, arpurino, cantoar, oranação, satelitares, bestejanças, desrezante, perviver.

E é com a sabedoria de um artista das palavras que Fernando da Rocha Peres encerra o conjunto de poemas com suas “caixetas de letrinhas” ou VERBOCAIXETAS.



Poesia é maleita, febre terçã  
que não se enjeita.  
Poesia é canção,  
luz de uma voz e cantochão.

FRP-1973



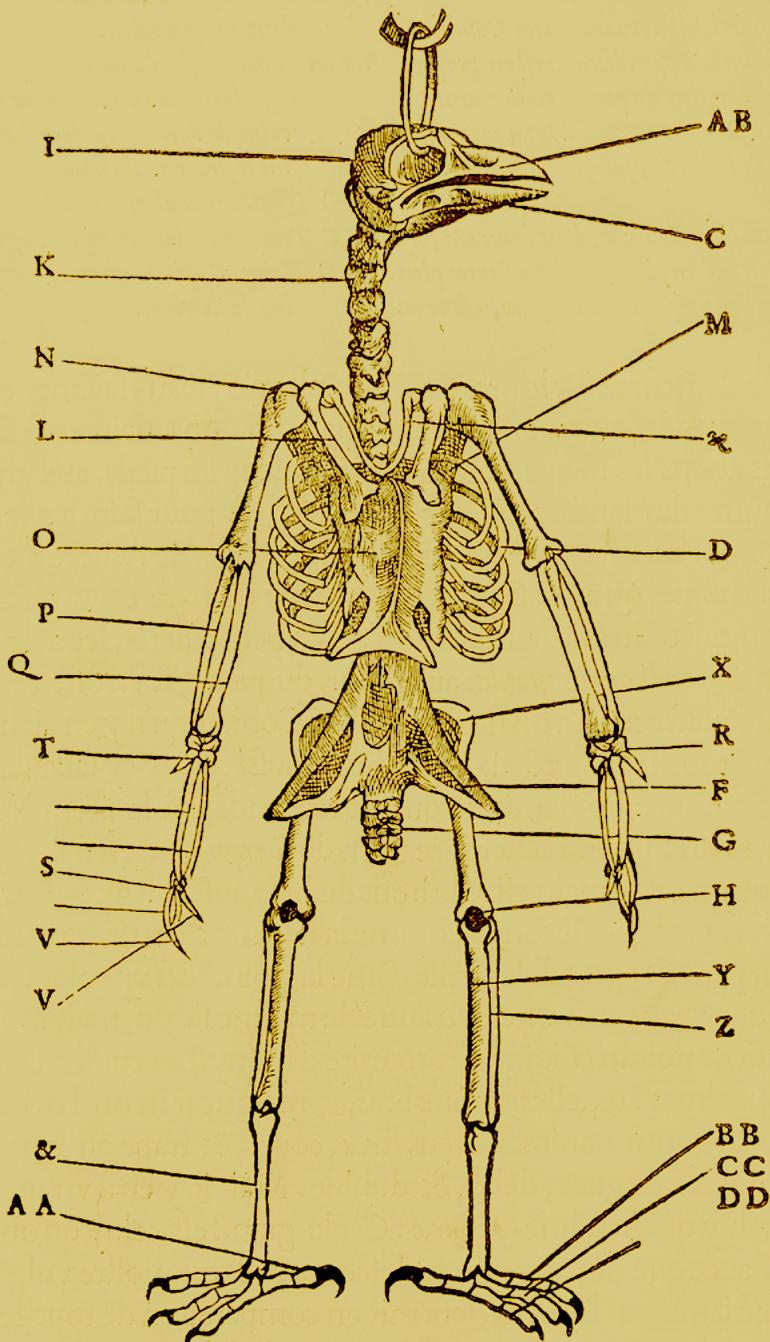
EDIÇÕES ÉGUA DOR - BRASIL - BAHIA - SALVADOR 2021

# CANTORIO E ANTIGOS POEMAS

FERNANDO  
DA ROCHA  
PERES

La comparaiſon du fuſdit portraiçt des os humains monſtre combien ceſtuy cy qui eſt d'un oyſeau, en eſt prochain.

Portraiçt des os de l'oyſeau.



# Sumário

Travesseiros das memórias	6
<i>Urania Tourinho Peres</i>	

## ***Cantorio***

Cantoquina	8
Cantovamos	10
Cantomemo	12
Cantovida	16
Cantoviral	20
Cantotriste	24
Cantoduro	28
Cantopia	42
Cantofundo	48
Cantosim	52
Cantogranito	56
Cantobio	60
Cantogrito	64

## ***E antigos poemas***

Questionário	70
Um e outro	72
10 Releituras	74
Res/pública	76
Uma cidade/1549	80
Criação	84
Segunda versão do antipoema	86
Diluviano	88
Canção do autoexílio (Nova versão)	92
Oranação	94
Mandado	98
Cantar assim	102



## Travesseiros das memórias

● *Urania Tourinho Peres*

Gritos de contágio e isolamento, os *Cantos* de Fernando da Rocha Peres, como toda boa poesia, nos contaminam ao tempo em que nos segregam, pois a voz do poeta é dele, é sua, é única, e de mais ninguém no desafio aos sentidos, sem aspas, não subordinada aos referentes.

O poeta inventa para falar de si, transcreve a alma, faz leitura da vida e do mundo, sem citações. De onde vêm suas palavras? Qual é seu dicionário íntimo, sua insuspeita relação com os vocábulos, sua liberdade histórica, sua criação? A poesia comanda as artes, pois luta com as palavras, seres falantes que somos. Falantes e subordinados às leis da linguagem, uma vez perdidas as leis da natureza. Nostálgicos de uma harmonia, sabedores de nossa transitoriedade e da morte, dos vazios e das perdas. Os *cantos* denunciam a melancolia que a todos veste e reveste, pois somos congenitamente contaminados pela incerteza de nossos saberes e mantemos virgem a interrogação fundamental: afinal, quem somos e o que somos?

Os *Cantos* de Fernando da Rocha Peres, um artesão que lida com os versos, vendo a sombra pandêmica descer sobre a cidade onde habita, que nos falam da vida, suas fontes de alegrias e de noites febris, do trem que nos conduz pela longa estrada de janelas fechadas, fugindo do Vírus Maléfico, e nos leva ao Vale do Futuro nos travesseiros das memórias, pois o futuro são obras a fazer para vencer dores inesperadas.



Há que ler e sofrer a chuva de *Cantos* vários, que se abateu sobre o poeta e o fez transformar a pandemia em *Cantorio*. Uma parceria de sensibilidades trouxe aos *Cantos* imagens e músicas colhidas pelo poeta e outras criadas pelos artistas Eidi Feldon e Paulo Costa Lima.

CANTOQUINA  
CANTOVAMOS  
CANTOMEMO  
CANTOVIDA  
CANTOVIRAL  
CANTOTRISTE  
CANTODURO  
CANTOPIA  
CANTOFUNDO  
CANTOSIM  
CANTOGRANITO  
CANTOBIO  
CANTOGRITO

# CANTOQUINA

*Para Asclépio, médico do Peloponeso.*



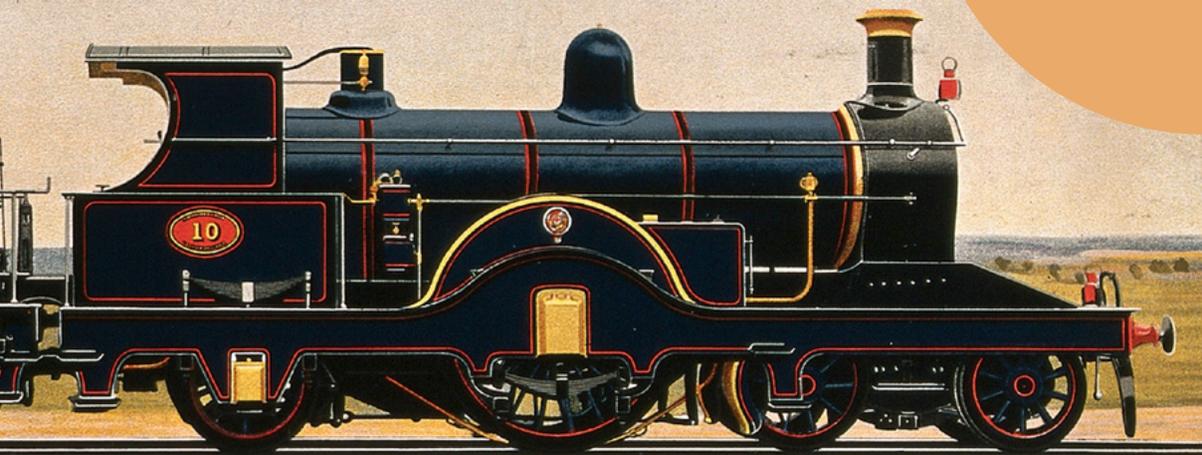


Há um tumbeiro de plantão  
na *Ágora* dos brasileiros,  
onde o silêncio campeia.  
Na vida há sempre uma fonte  
de alegrias e noites febris,  
disse Esculápio, filho de Apolo,  
(também nominado Asclépio)  
casado com a mortal Coronis  
filha do rei de *Flégias*.  
Mas é que o deus Esculápio,  
(aluno do centauro *Quirón*,  
o mestre das plantas curantes)  
gerou com a bela Coronis  
as filhas *Higéia* e *Panacéia*,  
e com seu título de médico  
no seu templo e *Santuário*  
às margens do mar *Egeu*,  
tido como de *Epidauro* templo,  
viu um humor paranóico  
do tumbeiro impositor  
da cloroquina e vidas expostas,  
com o *vírus covid* presente  
no obituário corriqueiro.  
Vejam os que assim não seja  
tais palavras sem ciência  
no país de *Oswaldo Cruz*  
e terra de *Pirajá da Silva*,  
filhos de *São Paulo* e *Bahia*,  
Estados que são dois *Brasis*.



# CANTOVAMOS

*Para Syra Tahin Lopes, maquinista do trenzinho.*





Aqui segue nosso trem  
em longa estrada da vida:  
um caminho a percorrer  
na pauta do gênio Heitor,  
Villa-Lobos o musicador  
de lonjuras caminhadas  
para alcançar um futuro  
deste *Brasil* brasileiro,  
sem os desatinos de hoje  
e a loucura governante  
nesta agônica *Brasilúndia*.  
Descer ou ficar no trem  
de uma dura quarentena  
é a agenda de cada um:  
eu fico com as sapiências,  
fugindo do *Vírus* maléfico  
e na pauta de um bom Heitor,  
até a estação da chegada  
para comprar uma dieta  
de pão, democracia e paz,  
muito som e flauta doce  
nos assentos das alegrias  
da casa da Dona OSESP\*,  
e de todos os patriotas  
que amam a nossa cultura.

“O Trenzinho do Caipira” de Heitor Villa-Lobos

<https://www.youtube.com/watch?v=KTKVgaY56NI&feature=youtu.be>



\*Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo



# CANTOMEMO

*Para Urania, musa desde 1962.*





Nesta quaderna pandêmica  
vale memorar o pretérito  
(perfeito, presente e futuro)  
para lembrar os bons espíritos  
longe dos gadanhos da parca,  
da loucura dos desgovernos  
que estrangulam a esperança  
de nosso país brasileiro.  
Este é um canto de tempos vindos,  
ditos poéticos na penumbra  
entre as janelas fechadas  
por tapumes de quarentena,  
aos passos doridos da vida  
com as fimbrias da alegria,  
olhando as chuvas de abril  
com seus ventos de assobios,  
e o despertar das lembranças:  
*Ordóñez, Camino e Puerta*  
(que são Antonio, Paco e Diego)  
com seus trajes de tourear  
vestidos de bordados e luzes,  
fazem a trindade que vimos,  
eu e Urania deslumbrados  
na *Plaza de Aranjuez*





em *lidas* quentes de abril,  
nos toques de clarins e timbales  
ao anunciar das *corridas*  
e seus *tercos* nominados,  
*capote*, *banderillas*, *muletas*  
para um espetáculo da morte,  
onde há fúria e artificios  
entre o animal e o homem:  
arenas, vidas, touros, *matadores*,  
o homem e o *miura* na luta  
y *pasos dobles* bem rasgantes.

Ao término da toureada  
com a noite já instalada,  
deu-se um vozerio aos ouvidos  
bem na porta maior da *Plaza*:  
pensamos que era o trio  
de toureiros e seus amigos  
*cantaores*, músicos e aficionados,  
dando seus vivas aplaudindo  
com os *flashes* de tantas *kodaks*.  
Demos dez passos ansiosos  
bem chegados às festejanças  
mas lá não estavam os *matadores*,  
nem os *miuras* decaídos  
com seus chifres pontiagudos,  
as orelhas e rabos cortados,  
sangrados de olhos abertos.

Ali brilhavam outras estrelas  
e seus carismas tão acesos  
após as *faenas* e *fanfarras*  
daquela noite taurina.  
E lá estavam dois estrangeiros:  
Rita Hayworth e Orson Wells,  
enamorado, e na Espanha,  
na *Plaza de Aranjuez*,  
dois astros de Hollywood  
com suas famas e brilhos.  
E nós brasileiros e baianos  
saímos com muito enleio  
em direção ao *El Cocheron*,  
para pensar a noitada,  
tomar um *jerez* seco e fresco,  
para reescutar as fanfarras  
nos travesseiros das memórias.

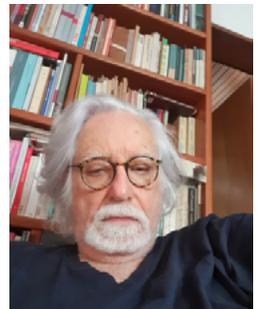


# CANTOVIDA

*Para meu pai Octávio Peres, que morreu tão jovem.*



Digo em carta também encordoada\*  
que ainda estou vivo,  
e que o vírus não nos venceu  
pois o sol bateu na janela.  
Aviso que não estou solitário  
e que a musa está presente:  
Urania a companheira eleita.  
Sei que devo tomar remédios  
para as revisões do meu corpo:  
um coração ativo e dois stents,  
e uma válvula *Sophisa* de nome conhecida  
são as ciências que carrego.  
Há que portar artefatos assim,  
para a sobrevida neste mundo,  
tendo o ânimo de poeta oitentão,  
nascido em 36, batizado cristão,  
devoto de Antônio e Bento,  
sagitariano de Oxóssi, nativo da *Bahia*,  
um artesão que lida com os versos,  
vendo a sombra pandêmica descer  
sobre a cidade onde habita ainda,  
com seu mar de *Baía* deslumbrante!  
Um espelho me espera limpo e aberto,  
para os olhares do envelhecimento;  
cabelo para cortar, barba a incomodar,  
pele seca e rosto de um ermitão,  
é o retrato de Fernando hoje,  
como aparece na *fotolive* anexa.  
Faço-lhe breve relato filial,  
pois estás longe de mim ausente,  
setenta anos luzes de viagem,





em astronave com anjos no comando;  
e quero que saibas minha vidasenda,  
para resguardar a vera e bela tradição  
de nossa criação sempre multifeita,  
por índios, lusos e africanos  
e muitos sangues de pulsantes raças,  
por ordem de entrada em nosso chão,  
onde existiu e há trabalho escravizante  
nas lonjuras do *Brasil* ainda inteiro.  
Aqui pervivo em cidade da *Bahia*,  
*Salvadolores*, sua antiga capital,  
onde ensinei na universidade pública  
e defendo os valores da cultura nacional  
de um vivo passado criativo,  
pois o futuro são obras a fazer  
por homens que sabem do havido e do haver.  
E agora jubilado tenho um pesadelo  
de horizonte sem árvores e bichos,  
com *Urania*, dois filhos e três netos:  
Daniel, Maria Fernanda, Paula, João e Tereza.  
Há que andar e procurar o sol,  
com a clara manhã acontecendo,  
e tomar chá da boa *Pareskia*  
que é a nossa “*ora-pró-nobis*”  
para um corpo que precisa ser e estar.  
Se há atividade a fazer ou inventar  
além daquelas de um batido dia a dia,  
em casas, prédios, barracos e abrigos,  
para atender demandas *diadiárias*,  
e se possível ver, ouvir, falar, ler e escrever,  
sobre as novas de um tempo certo,



de palavras bem postas e seguras,  
(qual o dia que isto ocorrerá?)  
de gente aberta, inteligente, sã,  
capaz de entender as carências dos outros,  
com bom governo, sério e democrático,  
afeito a organizar a vida e a saúde  
para vencer dores inesperadas,  
não só deste *covid* assustador,  
mas também de doenças permanentes  
nas crianças, jovens e idosos,  
das enraizadas gentes brasileiras  
desde as amazônias aos *pampabertos*  
em nosso chão das desigualdades,  
que exige reformas e outras formas  
de viver em paz, com fé e alegrias,  
democracia, educação, trabalhos,  
obediências às leis e ao processo  
de assumir seu corpo desejante,  
e ser sujeito da igualdade legal.  
E este *cantomeu* chega ao termo  
na estação de um tempo imaginário,  
que nos leva ao *Vale do Futuro*.  
E no mais cito o poeta Ferlinghetti:  
“acorda, o mundo está a arder!”<sup>1</sup>



\*Paulo Costa Lima. Pos-Aboio, Op. 106a / 2016, Andrey Berezin, Cello.

[https://www.youtube.com/watch?v=O2S\\_o55WB20&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=O2S_o55WB20&feature=youtu.be)



<sup>1</sup> Wake up, the world's on fire!



CANTOVIRAL

## I

Ultrapassei os oitentões  
e sobrenado, sobrevivo,  
pois escrevo este cantoviral  
contra um mal que é pestilento;  
muito *presto* no contágio,  
de toques arrebatantes,  
nos dias que escorrem  
com dores em dó,  
e choros em mi,  
e *vírus* em fá,  
vacinas em ré,  
e horas com sol,  
e chuvas sem dó,  
alegrias em si.



## II

Moro entre móveis e objetos  
que aguçam ausências e saudades  
da convivência familiar cotidiana  
entre filhos, netos e parentes,  
com o cuidado onipresente  
de uma musa: Urania,  
não só da astronomia,  
minha companheira  
nas solitudes pandêmicas,  
com o seu trabalho diário e rotineiro:  
e as conversas, olhares e escutas  
para a natureza, as palavras e as artes,





tendo a casa e a mesa arrumadas,  
com os traveseiros e pratos no lugar  
para o dormir, comer e esperar,  
que este *Coronavirus* maléfico nos deixe,  
e parta com seu nome COVID 19,  
numeral popular no jogo do bicho  
cão de raça ou rafeiro vira-lata  
que assusta e mata idosos, jovens e crianças,  
cortando-lhes o respiro com asfixia,  
como abateu *Manaus* das *Amazonas*,  
sem escolha de etnias, gêneros de sexo,  
culturas, credos, ideomagias  
desde o Oriente ao Ocidente  
nos extremos dos cinco oceanos,  
nas remotas *Auckland* e *Ushuaia*.

### III

E assim desembrulho este cordel  
sem o talento de tantos cordelistas,  
e peço urgentes vacinas para todos,  
poetas, acadêmicos e panfletários,  
uma para o corpo e outra para a alma,  
pois é impossível aturar duas viroses,  
na quarentena de março ao fim do ano:  
uma que amortalha o mundo inteiro  
e outra que estiola a paz do brasileiro,  
com desgovernos e insanidades tantas  
que descem desde o *Caburai* ao *Chuí*.  
É preciso imunizar nossa alma e nosso corpo.



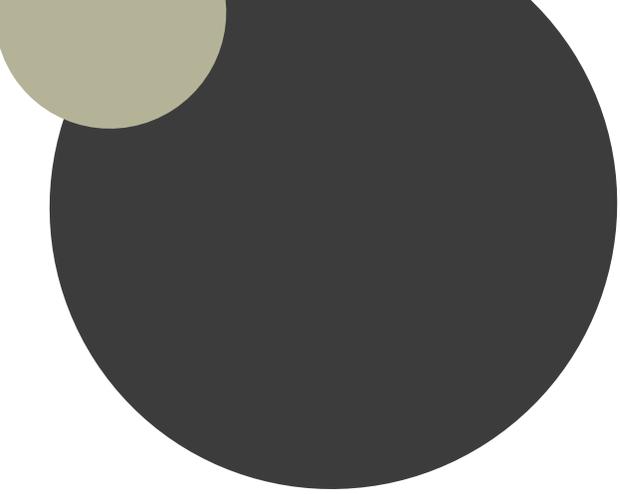
# CANTOTRISTE



## I

Eu quero defender  
a *Torre de Belém*,  
pois acabo de saber  
– em sinal fechado de TV –  
que querem derrubá-la.  
A história ali permanece  
como os registros de um tempo  
de conquistas e infâmias:  
a escravidão dos negros africanos,  
nas embarcações tumbeiras  
da exploração colonial,  
nas terras e nas florestas  
de povos dominados,  
nas lonjuras do mundo,  
nos oceanos navegados,  
sem as rotas conhecidas,  
mas com mapas esboçados  
para cortar os horizontes,  
para rapinar as riquezas  
e corrigir as culturas,  
dos nativos ditos bárbaros  
hereges e antropófagos,  
a serem catequizados,  
(escravos a batizar)  
para alcançarem o paraíso.



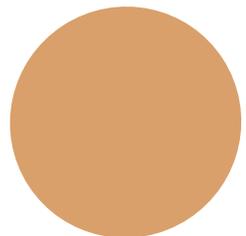


## II

É preciso ler e ensinar  
os fatos e ações praticadas  
no passado e no presente  
dos labirintos da história,  
que gravados na memória  
de milhões de descendentes  
dos gentios aqui nascidos  
e dos afros aqui trazidos,  
que têm tatuados na almapele  
o sofrimento de antepassados.  
Mas é impossível praticar  
a demolição do passado



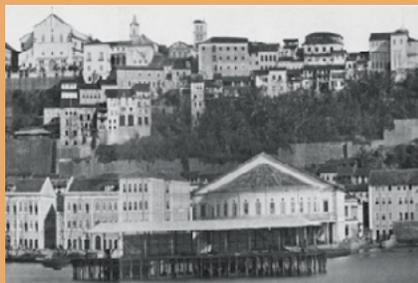
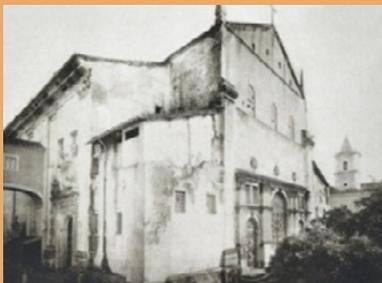
guardado nas pedras e papéis  
dentro das cidades preservados,  
para elidir os exemplos  
das verdades demarcadas,  
dos malfeitos então cometidos  
e escondidos nos silêncios  
deste chão onde habitamos,  
vivemos e assim morreremos  
para lembrar tristuras antigas,  
mas ainda existentes agora  
neste vinte um pandêmico,  
em *Portugal e Brasil*.



# CANTODURO

*Nasce o poema  
como nasce a onda.*

Miguel Torga, 1948



I

No conhecido perfil  
da antiga *Baía*  
*de Todos os Santos*,  
havia um templo  
que mirava o mar,  
e foi construído  
de pedra e cal  
no século primeiro,  
da nossa história  
colonial e dependente,  
que podemos conhecer,  
relembrar e poetar,  
em assunto recorrente,  
agora revisitado  
quando um monumento,  
ainda na paisagem  
da velha *Salvador*  
foi então derrubado,  
com o lúcido protesto  
da gente cristã baiana,  
consciente e indignada  
com o crime prelibado,  
em projeto urbanístico,  
do século XX.



## II



Era a antiga Sé  
que seria derruída:  
a construção almejada,  
pelo bispo Sardinha  
o que foi devorado  
em festim antropófago  
por índios tupinambás  
nas costas das *Alagoas*.  
Mesmo assim o monumento  
para os cultos e a sede,  
da primeira Arquidiocese  
no solo brasileiro,  
crivado de tanta memória  
é depois negociado,  
na cadeia de vontades,  
entre os legítimos poderes,  
o civil e o clerical,  
para um contrato assinado  
de compra e venda ajustado  
das venerandas relíquias.

Dom Augusto  
(Arcebispo)



J. J. Seabra  
(Governador)

E assim é consabido  
que o negócio esquisito  
foi então perpetrado  
por 300 mil réis,  
pelo Senhor Arcebispo  
(de pernambucana origem)  
Dom Augusto Álvaro,  
da Silva nominado,  
com o *Estado da Bahia*  
então na governança de  
José Joaquim Seabra

Arlindo Fragoso  
(Engenheiro)



Ford 1931

e do seu Secretário,  
o senhor doutor Fragoso,  
Arlindo de batizado,  
o urbanista demolidor  
que reformou *Salvador*  
para o *footing* domingueiro,  
dos soteropolitanos,  
de lá pra cá,  
daqui pra lá,  
com seus carros importados  
(*Ford, Citroen, Mercedes*)  
e seus gáudios europeianos.

### III

Com telhas e pedras no chão,  
toda a decoração da Sé,  
altares, santos, móveis,  
cadeiral, alfaias, quadros,  
talhas, pias batismais,  
e o mármore inteiriço,  
são vendidas a antiquários,  
a famílias com prestígio,  
e a alguns presenteados  
com arroubos de benesses  
ao poder constituído.  
E de roldão levantaram  
as pedras tumulares  
fixadas no piso da nave,  
inclusive a mais respeitável  
de um bispo inovador:  
Dom Sebastião Monteiro  
da Vide, o Arcebispo

D. Majolo O.S.B.  
(Abade)



Igreja e Mosteiro  
de São Bento

do *Synodo* que aprovara  
as *Constituições do Arcebispado*  
em 1707.

Este o destino final  
de um templo, de um acervo  
de obras da cristandade,  
na história religiosa  
da *Bahia* e do *Brasil*.

Mas houve uma fortevoz,  
que insurgiu-se contra o delírio  
do urbanicídio instalado:  
um Abade de São Bento,  
Dom Majolo de Caigny,  
que não permitiu a derrubada  
do *Mosteiro de São Bento*  
para o corte da outra avenida  
que ligasse um trajeto,  
(megalômano)  
até a cidade baixa,  
pela ladeira da *Água Brusca*,  
destruindo o que encontrasse,  
*inclusive o Pelourinho*,  
como obstáculo urbanístico.



Início da demolição  
1933

#### IV

E não foram protegidos  
os enterramentos havidos,  
e suas pedras fúnebres  
de nobres e plebeus  
no corpo do templo,

das dignidades do clero  
e governantes civis,  
nas tumbas familiares  
de portugueses e mazombos,  
bacharéis do latifúndio,  
doutores e notários,  
todos com as certidões  
de batizados e casados;  
e outras covas abertas  
de índios e negros crias  
no seu átrio e no entorno  
clandestinas e sem registros,  
do monumento católico.  
Todas as ossadas juntas  
foram levadas com as pedras  
e argamassas imprestáveis,  
como lixo para as encostas  
da cidade em mutações  
violentas e brutais,  
em caminhões e carroças,  
puxados a burros e motorizados  
que transportavam o passado  
de mais de três séculos findos,  
de uma história a estrilar:  
*Anathema sit!*



Rua Chile

V

E um pecado cometeu-se  
para implantar avenida,  
da rua da *Misericórdia*,



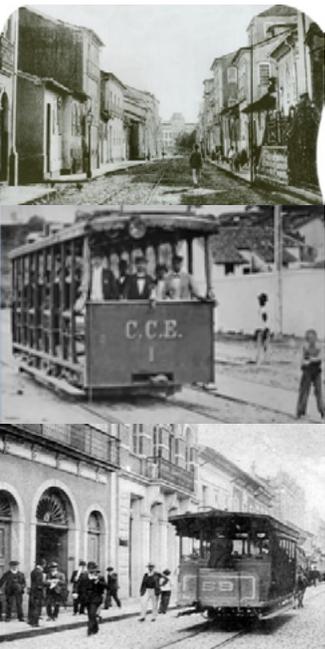
Farol de Santo  
Antônio da Barra

no centro do antigo do burgo,  
ao *Farol de Santo Antonio*  
que fica na entrada da barra,  
de uma baía e mar deslumbrantes,  
que afogou a santifica invocação,  
e hoje é *Farol da Barra*.

Na execução desta obra  
(*Avenida 7 de Setembro*)  
para modernizar destruindo  
foi preciso a derrubada  
de ruas, casas e comércio,  
e a demolição de igrejas  
que empatavam seu traçado  
(*São Pedro, Rosário, Mercês*),  
para a carreira dos bondes  
ao bairro do *Rio Vermelho*,  
aos areiais de *Amaralina*,  
nos trilhos da Circular  
de Carris da Bahia  
uma empresa do estrangeiro,  
de luz e transporte público  
que nos brindava e oferecia  
o progresso, *money* e brisas.

## VI

E assim abancou-se o moderno  
transporte para o trabalho,  
na cidade baixa e alta  
como é a da *Bahia*,



que guardava seus sobrados,  
suas áreas de mata virgem  
conformando a paisagem,  
que era única no país  
e encantava os viajantes  
com seu passado de pé,  
sua forma de presépio  
na beira de um mar plantado,  
como hoje e sempre é Lisboa  
na margem do Tejo vista,  
encantando os estrangeiros;  
e nós ficamos mudados  
na paisagem do não mais é,  
lembrada de como foi  
em velhas fotografias,  
e não sabemos como será  
no futuro próximo e distante.



Lisboa, o Tejo e o céu

## VII

Para crescer estes versos  
é preciso relatar  
que no cenário da Sé  
estiveram em seus espaços,  
não só os fiéis contritos,  
mas também dois personagens  
de atributos conhecidos  
na história e na cultura  
do século XVII:  
o clérigo Gregório de Mattos  
e Guerra

Gregório de Mattos



Dom Gaspar Barata  
(Arcebispo)



(um poeta devorador  
satírico e impertinente)  
que recebeu as ordens  
menores do clero,  
- a tonsura simplesmente -  
para ser nomeado  
pelo Arcebispo Dom Gaspar,  
Barata de Mendonça,  
como Desembargador  
da Relação Eclesiástica,  
e Tesoureiro-mor da Sé,  
sendo assim qualificado  
por seus estudos, em Coimbra,  
do Direito Canônico,  
as leis que capitulavam  
os princípios religiosos  
da vida entre os católicos.  
Ainda é mais conhecido  
o padre Antônio Vieira,  
um notável jesuíta  
orador de alta voz  
em sermões no seu altar,  
imperador da prosápia  
na língua de portuguesa,

Padre Antônio Vieira



Colégio dos Jesuítas  
ao lado da Igreja

Sé - Passadiço para o  
Palácio Arquiepiscopal  
Pintura de Diógenes  
Rebouças



que na condição de noviço  
visitou a Sé um dia  
na busca de intercessão  
da Senhora das Maravilhas  
a mãe de Jesus divino,  
para lhe dar sabedoria  
de aprender ao estudar  
as lições Inacianas  
no *Colégio da Bahia*;  
e então deu-se ocorrer  
um estalo na cabeça,  
e a inteligência brotou  
ao aprendizado das aulas  
e nas questões respondidas,  
sabatizadas de sempre.  
E um caso assim descrito  
com certas tintas lendárias,  
marca a história popular  
com um dito conhecido:  
foi “o estalo do Vieira”  
que fez o milagre brotar  
na cachola do menino  
seu decantado saber.



Nossa Senhora  
das Maravilhas

## VIII

Este canto já vai longo  
sem sucessos a relembrar  
e amores para contar:  
mas é preciso reafirmar  
como deu-se a tramontana  
do urbanismo demolidor,  
com o apoio da palavra  
dos principais periódicos,  
com o silêncio dos políticos,  
com o *Brasil* sob imposições  
da revolução de 30,  
e a *Bahia* governada,  
por um interventor  
militar e político,  
cearense de nascença,  
Juracy Montenegro Magalhães  
que no dia 7 de agosto  
do ano de 33  
honrou o contrato feito  
entre a Cúria e o Estado  
para demolição da Sé,  
apesar dos candentes protestos  
de importantes figuras  
dos baianos defensores



A Sé destruída  
1933

Pirajá da Silva  
(Cientista)



Teodoro Sampaio  
(Engenheiro urbanista)



A Sé destruída  
1933

(Pirajá, Sampaio, Pinho, Calmon, Menezes, Tourinho), da integridade do templo, do cuidado com seu recheio, com manifesto e artigos, assinados e divulgados nos jornais a favor e contra a demolição da Sé, quando distantes medravam as idéias de reforma (novidadeiras urbanas realizadas na *Europa*) resolvemos transplantá-las aos nossos rincões carentes, com a elisão do passado com a natureza destruída com o embotar dos conceitos com o rasgar esperanças de todas, todos e tudo que é bom, belo, vivente, em um país tão enorme onde havia e ainda há tantos espaços disponíveis, com ares, águas, verdumes, para bichos e gentes gozarem.

Salvador  
Mata Atlântica





## IX

Este é o meu *Cantoduro*  
depois que escrevi o livro,  
*Memória da Sé*, impresso,  
que guarda o que foi possível,  
de registrar e contar  
sobre o tempo envelhecido,  
nesta cidade que nominarei  
de *Salvadolores* sempre.

E hoje o que há  
no lugar que foi  
da veneranda *Sé*?

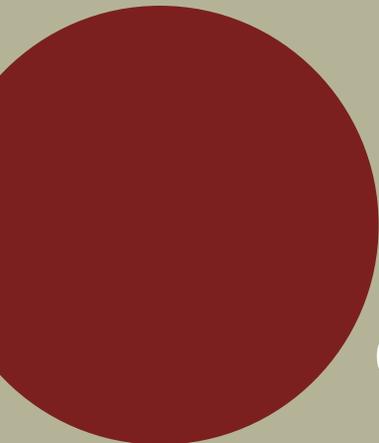
- Pergunta-me um curioso  
estrangeiro das europas.
- Eu respondo-lhe porque sei:

no vazio que ficou  
no espaço da Sé, frente ao mar,  
existe uma *Cruz Caída*  
obra de densa expressão,  
da força denunciatória  
de um escultor premiado  
na Bienal de Veneza,  
velho amigo Mário Cravo.  
E também o Memorial das Baianas  
(fechado temporariamente)  
como explica o *Dr. Google*  
em consulta bem recente.  
Mas fica a questão no ar:

*Ubi fuit sedes?*

Cruz caída  
Mário Cravo Jr.





# CANTOPIA



I

Interneto neste instante  
este poema isoneiro  
ao ano novo insurgente  
no horizonte do possível,  
para os afetos e apreços



- (Utopia!, Noitedia!, noitedia!)

*Voices – Mulheres e Homens*

que acreditam nas auroras  
e no tempo que há de vir,  
na semente das liberdades  
que deve de ser plantada  
nas letras, nos sons, nas vozes

- (Cantopia!, Melodia!, melodia!)

*Voices – Meninos e Meninas*

de nossas gentes despertas  
nas manhãs emolduradas,  
com as luzes da sapiência  
sem a burrice escumada  
que afeta os eus e os bichos

- (Utopia!, Floradia!, floradia!)

*Voices – Mulheres e Homens*

de toda a vida que habita,  
na americasulina  
em rincão de bahienses  
defendidos por Oxóssi  
e São Jorge cavaleiro.

- (Cantopia!, Rebeldia!, rebeldia!)

*Voices – Meninas e Meninos*



## II

Agora já internetada  
escrita e não musicada,  
uma isoneira *Cantopia*  
com palavras eloquentes  
e atabaques suaves  
e violões sussurantes  
e pandeiros delicados  
em dezembrina cadência  
de saber-se brasileiro,  
na espera de novodia  
no cantoar da poesia  
para a menina pirralha  
Greta de nome e voz forte,  
em defesa do ar depurado  
no futuro da terrabola  
onde habitamos ainda.

(Cantopia!, Arpurino!, arpurino!)

Vozes – Idosos – Jovens





### III

(Utopia!, Noitedia!, noitedia!)

(Cantopia!, Melodia!, melodia!)

(Utopia!, Floradia!, floradia!)

(Cantopia!, Rebeldia!, rebeldia!)

(Utopia!, Alegria!, alegria!)

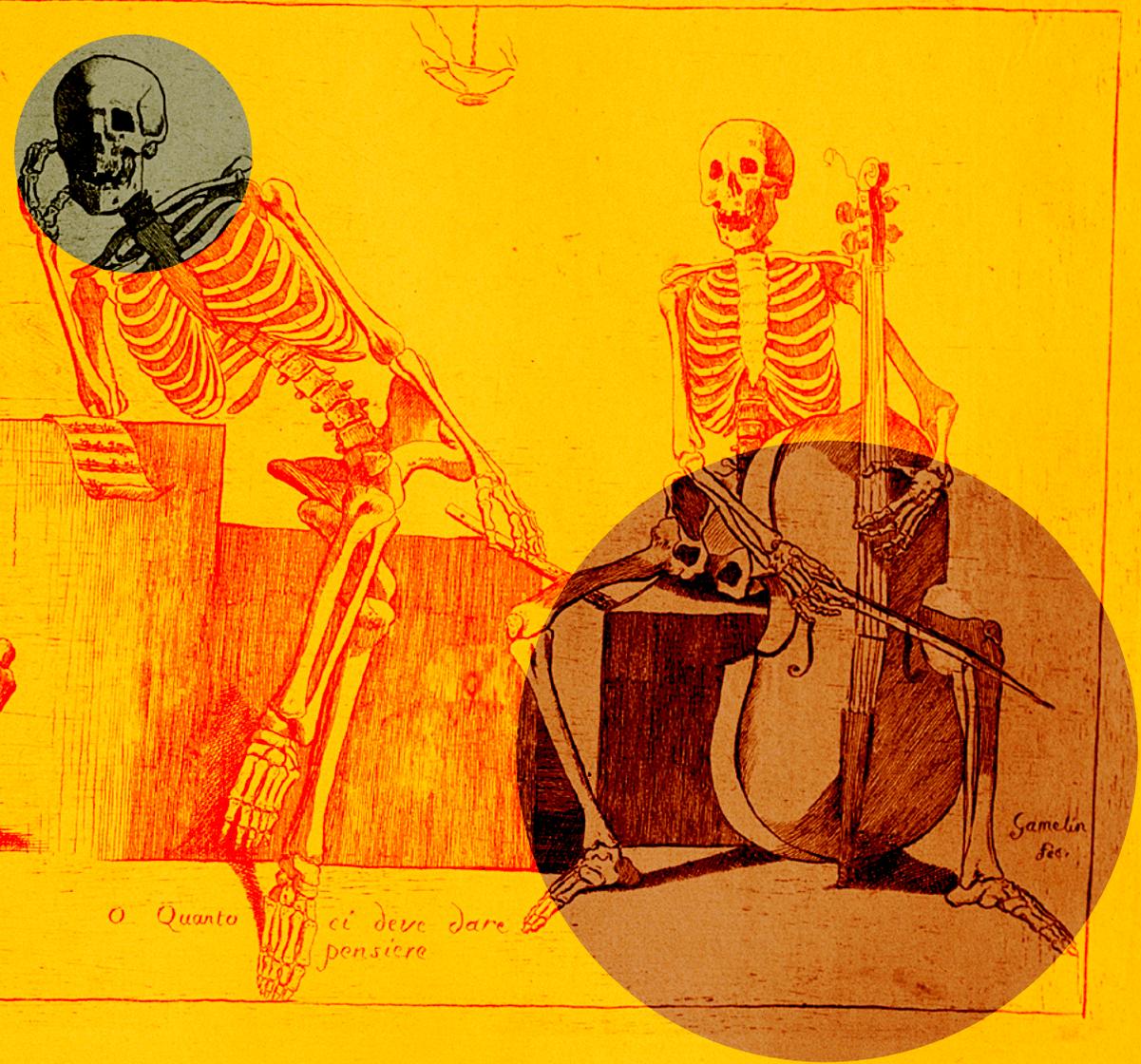
(Cantopia!, Arpurino!, arpurino!)

(Cantopia!, Gretaria!, gretaria!)

*Vozes – Homens – Mulheres – Meninos – Meninas*

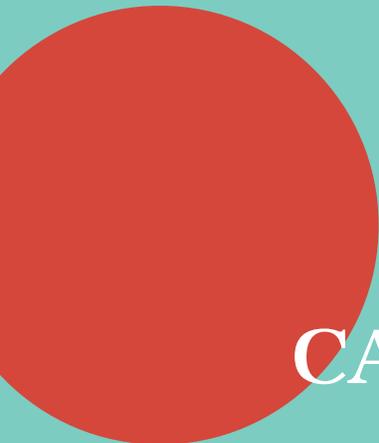
*Jovens – Idosos – Todos*





O Quanto ci deve dare  
pensiere

Gamelin  
fec.



# CANTOFUNDO

*Para Juárez Paraíso, muralista baiano.*



*Senhora de Boipeba,  
Yemanjá dos Abrolhos.*  
Mães, protetoras e zelosas:  
Pretas, Brancas e Azuis!  
Dona de todas as coisas,  
das pedras e seixos  
das ondas e areias  
das conchas e búzios,  
dos bichos das águas,  
dos sítios de corais  
dos espelhos dos mares  
dos laços dos oceanos,  
dos traços das correntezas,  
dos sargaços das marés  
das redes dos pescadores  
das jangadas decididas  
das tormentas e ventanias  
dos náufragos e afogados  
das velas pandas rasgadas  
das caravelas perdidas  
e dos fogos de Santelmo  
*Yemanjá de Boipeba,  
Senhora dos Abrolhos.*



Divindades cultuadas  
guardem as naturezas  
do mar, dos rios e mangues,  
defendam as boas gentes  
deste óleo tão maléfico  
que mata onde aparece,  
que empobrece e adoce;  
e protejam as nossas vidas  
contra os imprevidentes  
contra os incompetentes  
contra os falastrantes,  
contra os mentirantes  
contra os politicantes  
contra os gananciosos,





e afastem de nossas vistas  
os entes dos males feitos  
que possam nos enganar,  
nesta terra onde nascemos  
e queremos viver decentes,  
para o dia que nos couber  
cumprir o devo e o tenho.  
E assim dizemos contritos  
aos *Santos* e *Orixás*  
uma reza com misturas,  
e um adeus de despedida  
com tambores de retornar,  
e cantos de alvorecer.



CANTOSIM

I

Este é um pedido  
fácil de cumprir,  
mesmo que eu não tenha  
terno da cor do céu.

II

Quero ser  
um cadáver limpo,  
vestido de azul,  
pronto para o crematório.

III

As cinzas terão guarida  
em lugar já escolhido,  
na sombra e ar sagrados,  
bem ao pé da imensidão.





IV

Saudades, bem muitas, terei,  
ao deixar todos distantes,  
mas desejo muito pouco,  
em tempos pandemizados.

V

Sei que posso perviver  
na presença de outro eu,  
que cuida da minha vida  
na astronomia das horas.

VI

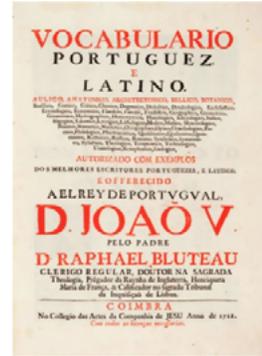
Urania de nome lindo,  
pois também é Maria,  
minha musa por *tododia*,  
entre o acordar e o dormir.



Urania. Deriva-se do Grego *Ouranos*,  
que quer dizer Ceo. He o nome de hũa  
das nove Mufas, chamada *Celefte*, porq̃  
affiſte à ſciência da *Aſtronomia*. Pinta-se  
com veſtidura azul, (que he a cor do  
Ceo) com coroa de eſtrellas, ſuſtentan-  
do com ambas as mãos hum globo. *Ura-  
nia, s. Fem. ou Uronie, es. Fem. Ovid.*  
*Acabeo felicemente a voſſa Urania.*  
Galhegos, Templo da Memoria, liv. 4.  
Eſtanc. 194.  
URANOSCOPO, ou Uranoſcopon. De-

## VII

Este é meu Cantosim  
de seis quartetos afinados  
e vinteum versos finais  
onde é cabível redizer  
neste poema amatório  
revestido de emoções,  
palavras de afirmação  
que estão explicitadas;  
outras também brotariam  
de um dicionário *cantocheio*  
onde elas vivem escondidas  
para os versos revelados  
de um bardo convencido  
da importância de gritar  
que o amor é alimento  
para o viver e o sonhar,  
nas rondas do *coronavirus*,  
(malsão veneno da peste)  
com Urania de mãos dadas  
protegidos dedo a dedo  
ouvindo música de Bach  
e lendo poetas idosos:  
*uma brisa resvala  
com tremor perdido  
na noite varandada  
onde grilos converseiam  
e vagalumes luminam.\**



\*Otão Peretz, c-1222

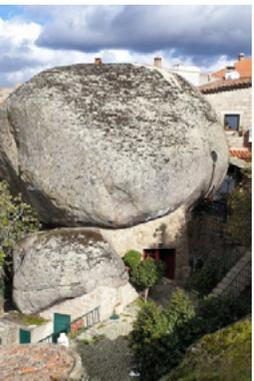
# CANTOGRANITO





## I

Na *Beira-Baixa* um castro lusitano,  
guarda seu corpo, inteiro e forte,  
e mostra suas vestes de granito negro,  
batidas aos silvos de brava ventania  
que estremece e doideja no ar beirão;  
*Monsanto*, aldeia firme em suas alturas,  
grifa em meus olhos belezas ancestrais.  
Passo a passo eu perneio os calcanhares  
para alcançar as pedras de um castelo  
plantado no alto, denso e escurecido,  
na crista de um monte frio e nevoento,  
que foi de lusos, romanos e mouros,  
e dos *Templários*, brutos cavaleiros,  
na ciranda violenta de cruéis batalhas.





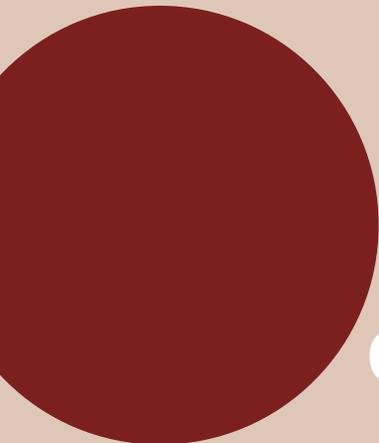
## II

Meu olhar não decifra pedras habitadas,  
mas escuto os ruídos dos muitos aldeões  
de antanhos tempos, sempre guarnecidos;  
velhos e velhas, meninos e meninas,  
soldados e soldados, mulheres e mulheres,  
dia e noite, ao rés das rochas vivas,  
enquanto os mais velhos e prestantes  
cumpriram vigilâncias, afiavam armas,  
cerziam mortalhas, rezavam a Santo Antão,  
curtiam sedes e fomes e carências outras,  
plantavam os grãos e aguardavam as chuvas,  
labutavam com ordenhas e colhiam frutos,  
dormiam do por do sol ao vindodia,  
na espreita do inimigo *castellano*,  
na fronteira rastreante do solo ibérico,  
entre *portucale* e *hispania* por fazer,  
na origem dos reinados advindos.

### III

Agora *Mons Sanctus* confia seu mistério,  
ao dar pousio aos estranhos deslumbrados  
com o suspiro sonolento dos rochedos,  
e a lua que esbate em pura poesia  
nas sugestões indizíveis das palavras,  
de um casal viajor nas estranhuras,  
que escuta a gritaria das refregas  
e carpidos empedrados nos fraguedos.





# CANTOBIO





## I

Este trinar é assobio  
agudo, forte e no fio  
de um vero *Menuridae\**,  
(nominata latinoculta),  
do prodigioso pássaro-lira  
de australiana linhagem;  
um cantador apurado  
das músicas da natureza  
e mais ainda vocalista  
imitador indignado,  
com os ruídos da cultura  
(buzinas, alarmes, motoserras)  
e outras bugigangas tantas,  
maquinações do nosso invento  
que atordoam as cidades  
e destroem nossas florestas.



## II

Eu não sei se cantobem  
ou cantomal, versejormais  
ou versejomenos, mas sei que há  
um vivomais e um vivomenos,  
um diamais ou um diamenos,  
(amanhecendo e anoitecendo)  
e uma vontade de gritar  
ao aguardar o biotempo,  
marcar o compasso da vida  
e o esvair do nosso corpo:  
a triste hora da nossa morte,  
boamorte ou malamorte.

Canto do Pássaro-Lira\*

<https://www.youtube.com/watch?v=AwxvjrbEkTg&feature=youtu.be>



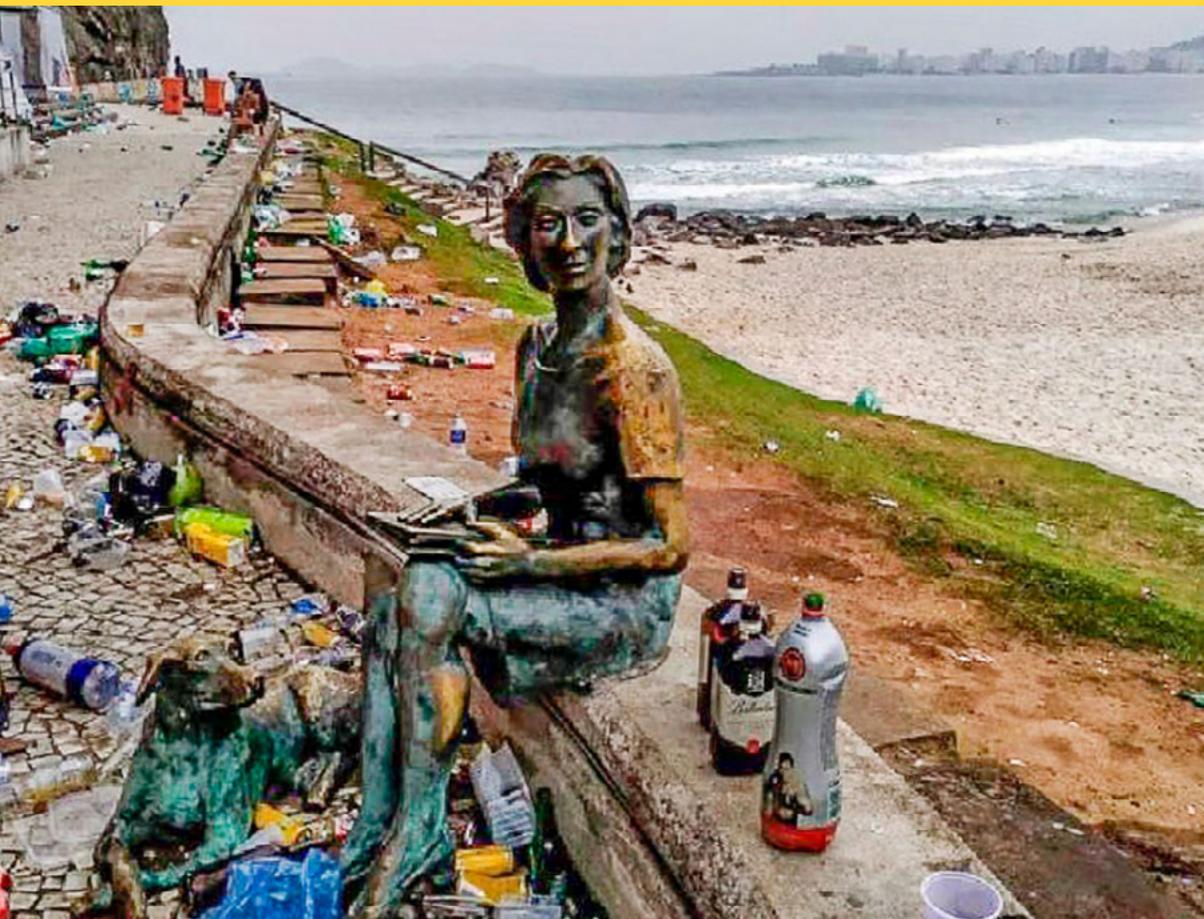




# CANTOGRITO

*O descalabro visível,  
com os valores da pátria.*

Mário Baldoni - 1936  
Risco na Porta



Aonde está Clarice?\*

Ora vejam só,  
a nossa Lispector  
a linda mulher  
luz dentro do peito,  
que tanto escreveu  
sobre a vida e o amor,  
hoje sentada está  
com seu cão Ulisses  
no seu centenário,  
em estátua ao relento  
no caminho dos pescadores  
no bairro do *Leme*,  
seu recanto da uma vida  
no *Rio de Janeiro*  
(*cidade maravilhosa?*)  
cercada de lixo,  
e monturos sujos.

E disse Clarice  
em dia escaldante  
no verão carioca,  
- assim penso que foi  
com voz raivosa -  
“Não, não, o mundo  
não me agrada”.

A mulher que escreveu  
*O Rio de Clarice*, livro  
de amor e apologias  
a uma alegrecidade,  
(*cheia de encantos mil*)  
não merece este abandono



na sua diária paisagem  
que dava-lhe a brisa do mar,  
o sol nos cabelos soltos  
as ondas nos pés desnudos  
e o sal nos olhos ardentes,  
em seus verões domingueiros.

E Clarice espanta-se então  
com meus líricos devaneios,  
ao acentuar bem tristonha:

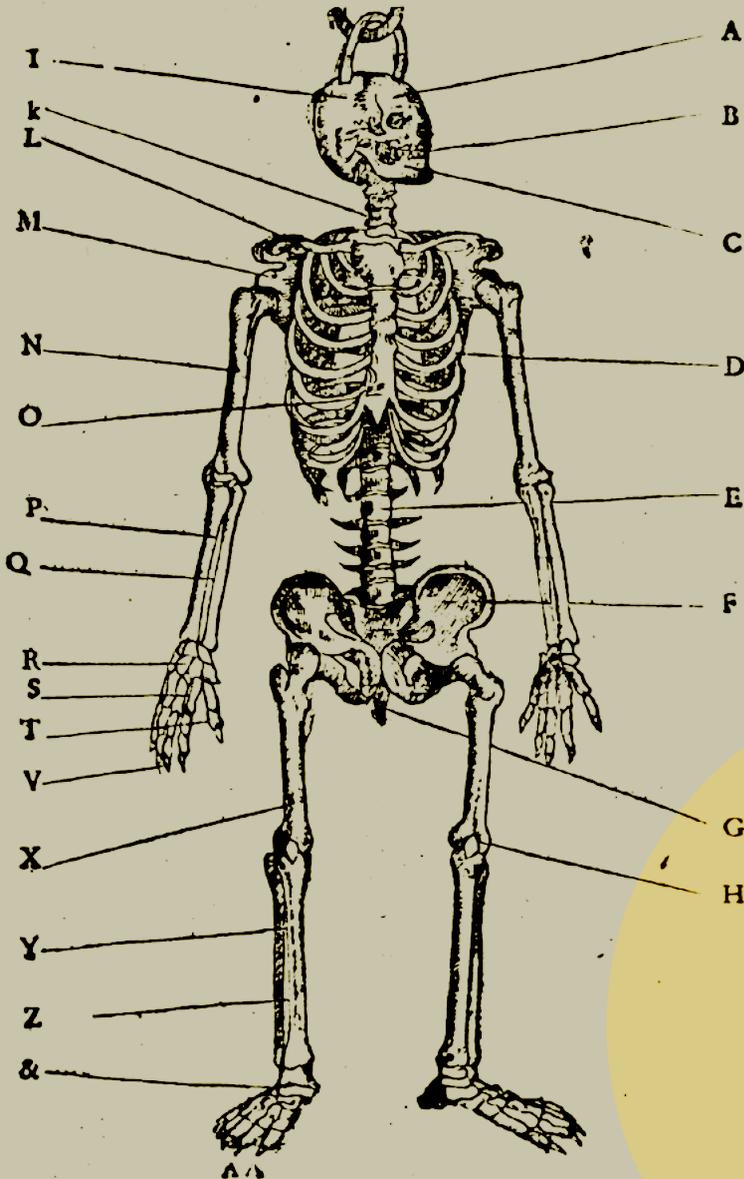
“Estou por assim dizer  
vendo claramente o vazio”.

E a escritora nos ensina  
que O RIO não corre mais.

\* A foto da estátua de Clarice Lispector é da autoria do jornalista Celio Albuquerque



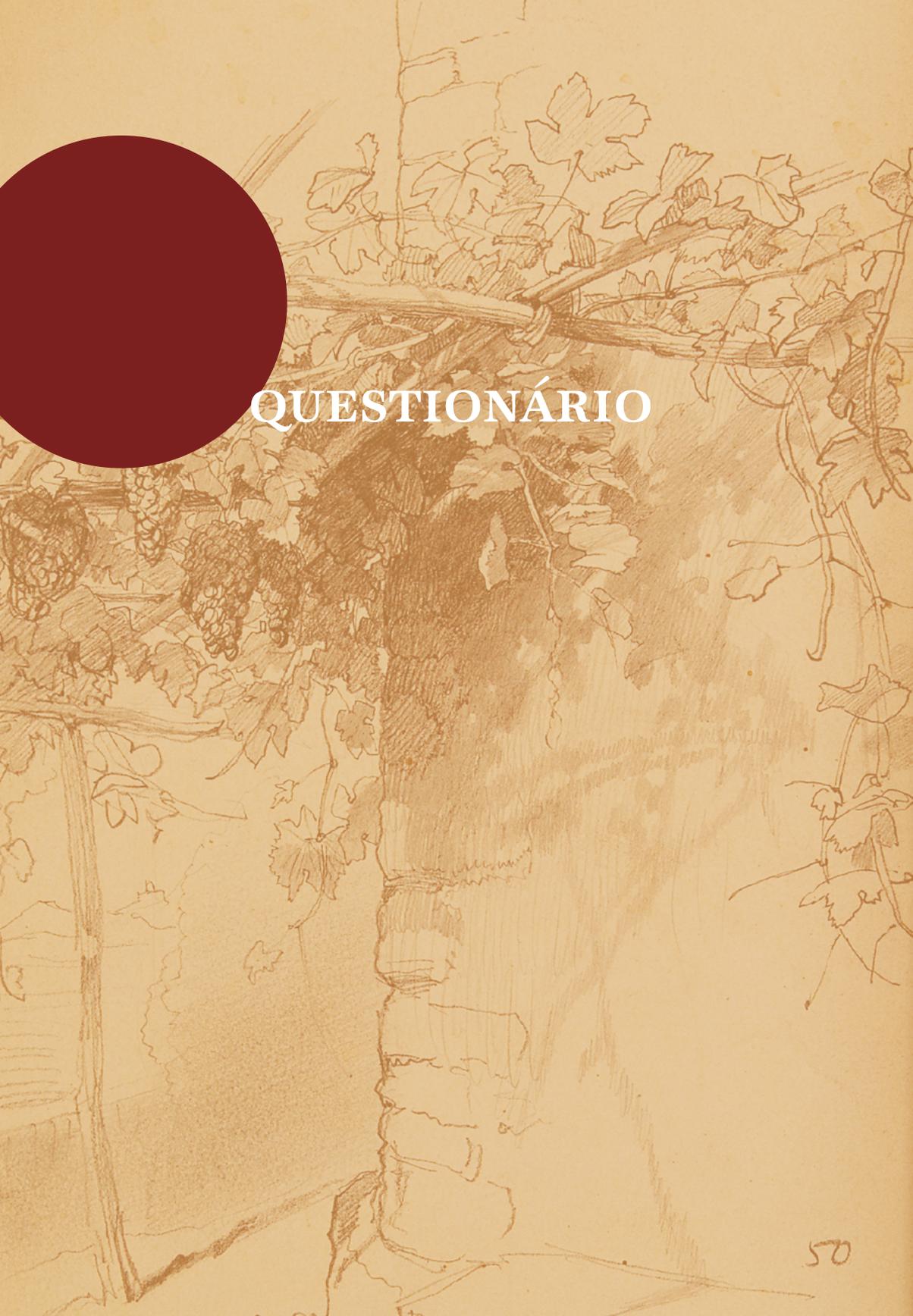
Portrait de l'amas des os humains, mis en comparaison  
de l'anatomie de ceux des oyseaux, faisant que les  
lettres d'icelle se rapporteront à ceste cy, pour  
faire apparoitre combien l'affinité est  
grande des uns aux autres.



# E ANTIGOS POEMAS

*Diz qualquer coisa.  
Faz alguma coisa.  
O silêncio é cúmplice.*  
Lawrence Ferlinghetti

*Speak up.  
Act out.  
Silence is complicity.*  
Lawrence Ferlinghetti



QUESTIONÁRIO

É inútil a palavra  
quando da carência  
nutre-se um homem,  
digerindo burlas?

É inútil o herói  
- quase novelesco -  
sem aquele átimo  
de grave silêncio?

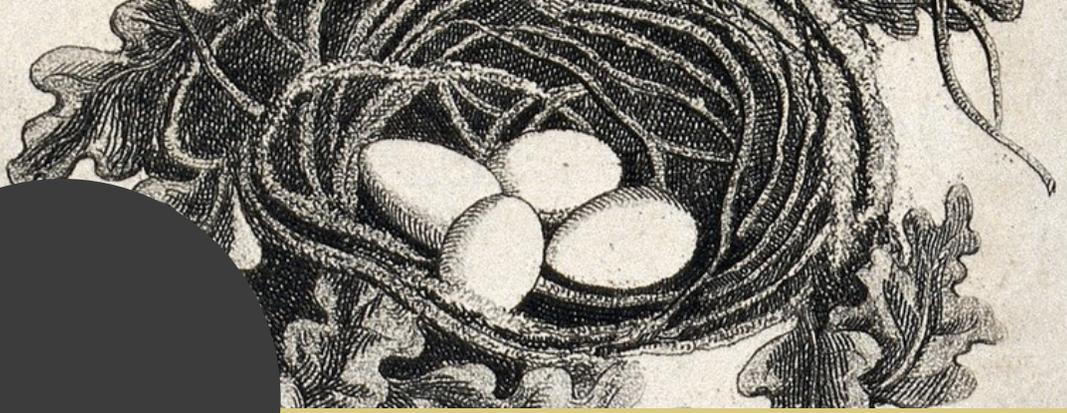
É inútil o aceno  
(breve entendimento),  
quebra das mordanças  
que nos impuseram?

É inútil o poema,  
se ficamos mancos,  
e o ódio espreita  
nossas fabulações?

É inútil o discurso  
(nunca em balbucio),  
e este interrogar  
que nos compromete?

É inútil o amanhã  
mesmo sem vislumbre,  
mas que seja claro  
ao poder senti-lo?





# UM E OUTRO

*ad libitum*

*Não tinham propriedade –  
Um era a fazenda do outro.  
Castro Alves, Gonzaga, 1867*

*A poesia algemada algema a raça humana.  
Lawrence Ferlinghetti*

*Poetry in handcuffs handcuffs the human.  
Lawrence Ferlinghetti*

Um era a cor do outro,  
Um será a igualdade do outro.

Um era a mão do outro,  
Um será a cabeça do outro.

Um era a reza do outro,  
Um será o grito do outro.

Um era a falta do outro,  
Um será o aceno do outro.

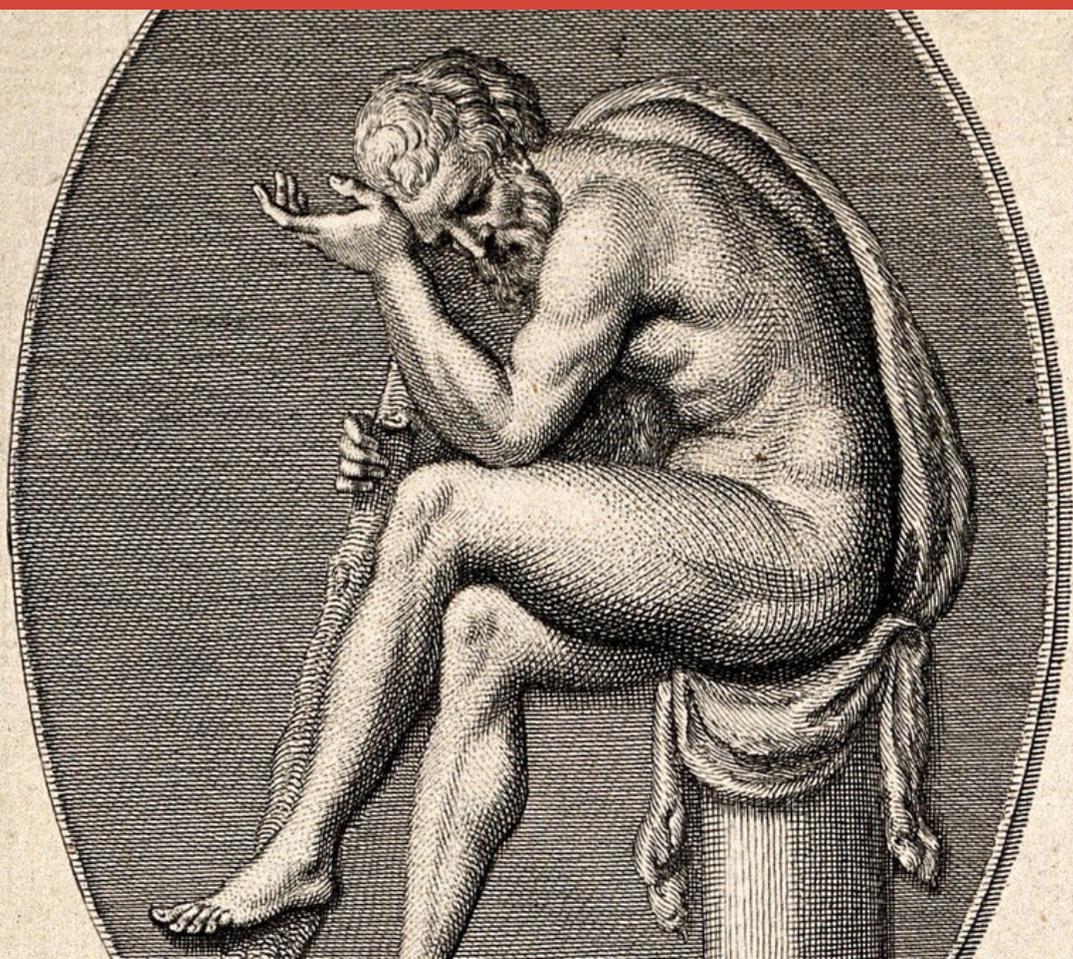
Um era o labirinto do outro,  
Um será a liberdade do outro.

Um era a fome do outro,  
Um será a colheita do outro.

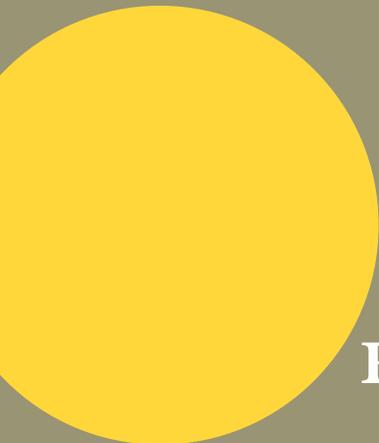
# IO RELEITURAS

*É preciso reler o poema que afirma e interroga.*

Fernão Peretz, 1957



Em que canto da casa,  
com poemas e música, quero esconder-me?  
Em que afago do teu corpo,  
no encontro de coxas, quero aquecer-me?  
Em que lugar da criação,  
no ninho das palavras, quero revelar-me?  
Em que pauta das papilas,  
com vinhos do *Douro*, quero tontear-me?  
Em que refúgio da terra,  
na *Viseu* medieva, quero perder-me?  
Em que instante da velhice,  
com lúcida espera, quero despedir-me?  
Em que fuso da vida,  
*Átropos* silencia, quero ausentar-me?  
Em que tacho do inferno,  
*Astaroth* decide, quero expiar-me?  
Em que nesga do céu,  
*Bellatrix* aconselha, quero deslumbrar-me?  
Em que asa de arcanjo,  
*São Miguel* acolhe, quero salvar-me?



# RES/PÚBLICA

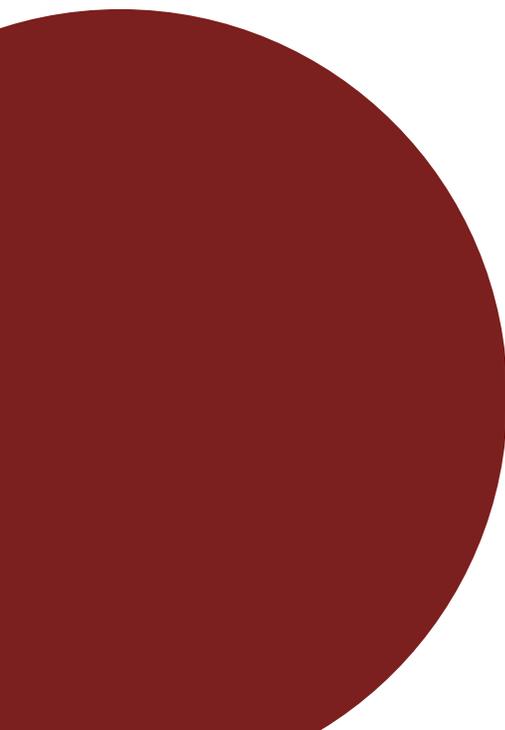
*Bem, ó doutíssima Diotima, essas coisas  
é verdadeiramente assim que se passam?*

Platão, O Banquete



A mesa na varanda  
(senhorial e atulhada)  
continua posta.  
Facas e nacos,  
garfos e beiços,  
muitos e tantos copos:  
pois a sede é artesiana.  
Nas tigelas, não cabe a fome,  
pois há que renovar as fezes.  
As viandas elétricas,  
peixes sutis  
e massas tácteis,  
frutas ávidas,  
doces indóceis,  
queijos pobres,  
caldos e molhos,  
vinhos sem casta.





Leia o cardápio do dia!  
E os enormes guardanapos  
(feitos de lençóis e cortinas)  
são crachás diplomáticos  
no pescoço dos comensais.  
Onde estão os garçons e o escanção?  
Mais e mais e mais  
frutas do oceano  
bichos da terra  
legumes exóticos  
bolos mortais.  
AGUARDENTES.



A mesa na varanda  
(paquidérmica e farta)  
permanece acesa.

Velas e tetas  
caras e cães  
mãos e panelas  
bofes e bocas  
candeias e bundas.

Onde foram os garçons e o escanção?

Pratos e pratos e patas.

Debaixo da mesa os ratos e ratas.

# UMA CIDADE/1549

*Para o arquiteto Luís Dias, que deu seu traço.*



Uma cidade não se explica, é.  
Ela respira e cresce  
como uma colcha de retalhos.  
Não basta definir o seu lugar,  
engenhar o seu quadrado,  
levantar as defesas, criar galinhas,  
pois uma cidade rompe o chão e portas,  
mesmo sabendo dos tupinambás.  
Esta cidade saltou seu muro e traço,  
o fio das suas águas,  
um dique anterior.  
Ao decifrar uma cidade,  
sotoposta memória sem lições,  
é preciso invocar gentios, lusos e nagôs;  
rastro de línguas, peles de guerreiros.  
Uma cidade fica hostil,  
malsina os homens  
e o barulho que fazem:  
as charruas que aportaram  
com sua mercadoria de escravos,  
os aviões que a sobrevoam  
com todas as bugigangas  
do comércio.  
Uma cidade vive  
com seu pulmão de árvores.  
Esta cidade ao mar deitada  
recebe a maresia como uma dádiva  
de um sal que é seu  
e corrói as fechaduras.





Uma cidade é sol, é chuva:  
inundação de suor e barro descozido,  
lamacento amargor, luz varada de pingos  
e casebres nos despenhadeiros.

Esta cidade sofre e estrala:  
tudo pode sentir na noite  
encoberta com o manto dos mendigos.

Uma cidade é teia  
e deseja o horizonte  
no espaço de uma centopeia,  
esgueirando-se.

Uma cidade detesta o sobreposto cimento  
e todos os que estão nas caixas,  
em seus elevadores.

Esta cidade ama as abelhas  
e o vento que passa, tépido;  
e a brisa marinha dos mormaços,  
frutos de Espanha e baleias.



Uma cidade assim é *Salvadolores*  
que sente como descrevo,  
pois sei os seus manejos,  
desde o tempo de Gabriel Soares de Souza.  
Uma capital assim já foi, é.  
Será esta cidade igual a nenhuma,  
lugar como não existe  
no mapa e só na imaginação,  
nos becos do meu delírio?  
Esta cidade que foi uma vontade  
quieta e assentada sobre a falda  
da verde encosta,  
cidade recomposta:  
grinalda de telhados na *Baya*  
*de todos los sanctos*,  
mapeada em traço quinhentista.  
Não se explica uma cidade como ela é:  
feita de odores, ladeiras e sibilos.

# CRIAÇÃO

*(d'après Saramago)*



Do sopro ao forno,  
o homem e as coisas  
feitas: cabeças  
e panelas, de barro.

Deus e os oleiros  
sabem a ciência  
das mãos moldantes  
das massas cozidas  
das chamas perfeitas.

Um oleiro nos fez  
no sétimo dia, deidade  
maior e genesíaca, de um  
barro primitivo, um sopro  
e o calor de um desejo.

E nada deu certo,  
pois o homem  
trincou a cozedura.



# SEGUNDA VERSÃO DO ANTIPOEMA

*Para Carlos Nelson Coutinho, amigo sempre.*



Este é o antipoema  
dardo no versejar.  
Mais que fuga do lírico,  
é lúcida definição.  
Certamente procuro  
a cinzenta metáfora,  
para um tempo surdo e obscuro.  
(A lição dos poetas  
agoniza nos manuais.)  
Há um silêncio grave  
um esvaziamento  
uma guerra  
uma bestialidade que se insinua.  
Este é o antipoema,  
seta no alvo, na palavra.  
Mais que medo dos homens,  
é lírica denúncia.





Dentro do dilúvio  
o poeta naufraga.  
Ainda não é o fogo,  
mas a língua arde.

Seus poucos utensílios  
– grave vocabulário,  
livre clavicórdio –  
serão abandonados  
por novelo mais difuso  
de alegórica imaginação.

Aquoso itinerário  
– velame aos quatro ventos –  
Sem porto de saída  
e chegada nenhuma.

Antes o eterno projetar  
dos homens, como um signo.  
Animais enlaçados  
sem qualquer metafísica.  
Caminhos arquitetados  
em idêntica topografia.

Agora o vôo mais cego  
do pássaro menos pássaro,  
pois não existe o pouso.  
O sermão efêmero  
do profeta menos profeta,  
quando não há ouvidos.



O poluir mais ácido,  
de toda a mensagem  
de nossos sentidos  
de toda a linguagem,  
como um estrondo.

E não há quintal,  
ou ilha, que se saiba  
pastem mansas ovelhas.  
Com quem poderemos ter  
ao menos um só balido?

Do reino mineral  
– onde a verdade  
fixa sua engenharia –  
não restará liame  
ou veio definido.

Quando as flores – corola  
aberta ao conversar  
da primavera –  
poderão nutrir abelhas  
do mel que identifica?

Se este clima único  
(incessante saraiva)  
perdurar sempre,  
seremos enregelados  
sem o verão de discordâncias.

O didatismo poético  
já não revelará  
lições de botânica,  
de vida.

Mais que o medo  
- ou náusea -  
há a morte irreal,  
antevisão  
de mil leões  
loucos  
na chuva,  
sentindo a proximidade do abismo.

Dentro do dilúvio  
os poetas naufragam  
com leões imaginários.  
Temporariamente.  
Depois virá o fogo,  
e as línguas serão de cinza.



# CANÇÃO DO AUTÓEXÍLIO

(NOVA VERSÃO)

*para Antônio Oswald Gonçalves Dias de Andrade.*

Esta terra tem bananas,  
boitatás grandes, quitandas,  
onde as sombras dos matagais  
escondem contendas e marreteiros.  
Nosso céu cheio de cúmulos,  
nossos sapos, luas, várzeas,  
tudo assim pleno de nimbos  
relembra trabalho de escravos,  
encobre cacas e fomes plúmbeas.  
Não deseje, Pã, que eu dure,  
muito tempo sem voltar, ao rincão  
da selva queimada, ao berço dos laranjais.  
Ah! Sabiá, não permita que eu descure  
do progresso proclamado, das entradas  
e bandeiras, mortandades sempre amém,  
e da gente sem ter vintém.



# ORANAÇÃO

*(Circunstancial e patriótica para ser dita e tocada e cantada em templos, estádios, passarelas e escolas)*

2004 - 2020

Pai e *Senhor!* Não tenho fé  
no meu lugar, se os homens  
que o (des)governam, mentem  
e garganteiam tudo, tudinho, oh!  
carnavalescamente impunes, ah!  
*Senhor*, senhorzinho de nossa, uh!  
alma, cordial e conveniente calma.  
*Senhor*, bom *Senhor*, estas palavras  
não valem? Elas são uma carpidagem  
e uma preocupação, “bomfim” do  
*Senhor*, menino ou grande, no ventre,  
na cruz; *Sinhô!* não me censureis!  
*Senhor*, recaia sobre nós a vossa piedade,  
pois amamos nosso chão e pássaros,  
árvores e águas e flores e gentes e  
acreditamos em vossa bondade, assim,  
de dois mil céus e infernos, representados.  
*Senhor!* o orgulho e a fé estão  
em nosso rincão, no trabalho nosso  
de cada dia, e, se fome há, um pão  
não basta, pois há o desemprego e  
o desamparo crescente como urtigas,  
e a culpa não é nossa: ó *Senhor!*  
sabeis mais que anjos e demônios.

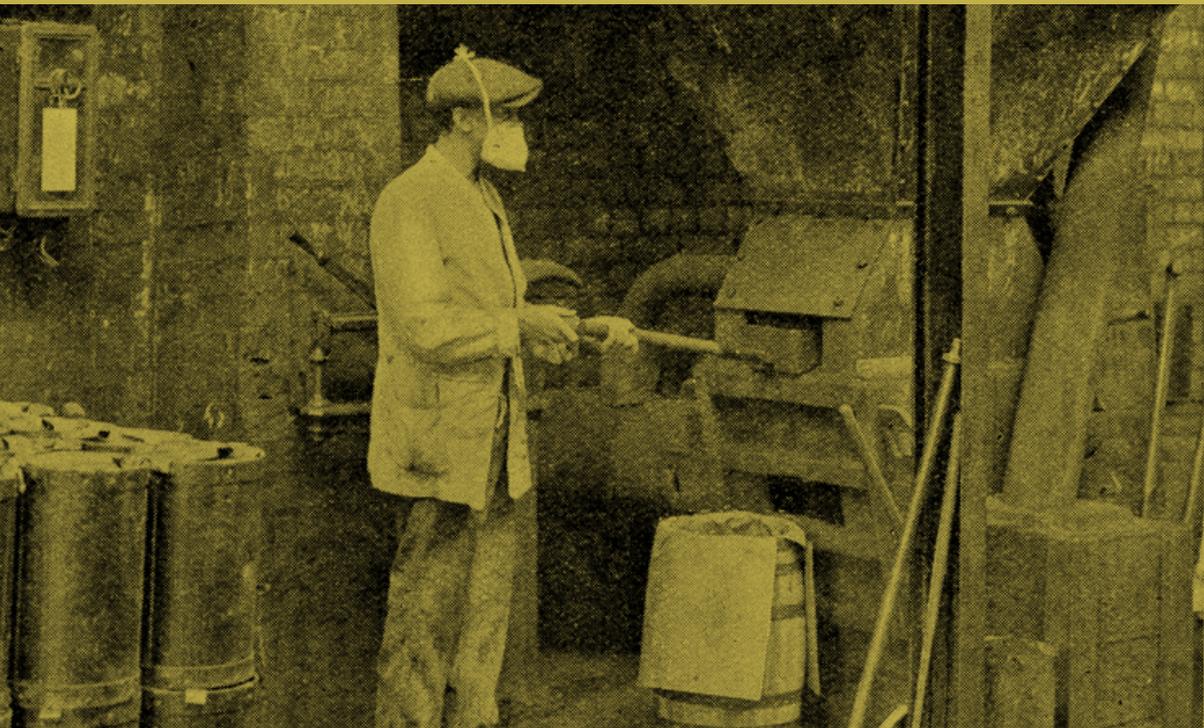
E se não temos saúde e terra,  
nos daí hoje e perdoai, dúvidas,  
educação também, *Senhor!* Tudo  
complica-se, *Senhor!* pois não castigais  
mais a ladroagem, oh! *Senhor*, nos  
templos outros desrezantes dos homens.  
*Senhor!* sabes que não somos nós, os  
bobalhões que estamos abaixo na  
planície: plenos de fé no *Senhor?*

E não temos moradia, dia a dia,  
nas soluções da vida prometida, retida.  
O nosso futebol, *Senhor*, nossa glória,  
e o samba são alegrias e passageiras:  
quando a vitória bate à porta  
e o batuque sacode a aorta.

E o ser alegre impõe os requebrados,  
forças sazonais nos pés somente, hábeis.  
*Senhor!* não temos fé, se morrem muitos  
meninos e mendigos, não temos fé, *Senhor*,  
se vendem as coisas públicas: a luz, água,

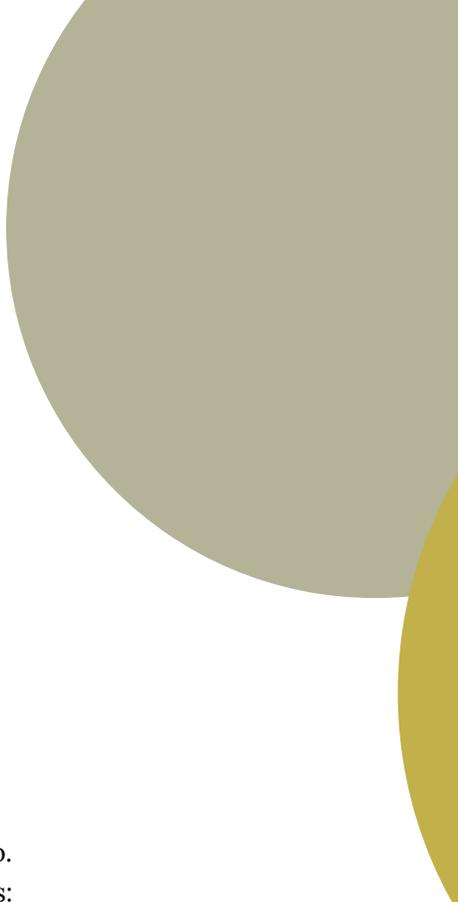
telefonía, ferro, soja, riquezas tantas,  
petróleo pra que te quero,  
se a segurança não há, todas,  
nem nos quintais e ruas e portas.  
E tudo pagamos, *Senhor*, depois ao alieno,  
(além dos impostos e taxações aqui e ali)  
estrangeiro, estranho, outranho,  
que cobra juros de requebrados tantões,  
os quais, *Senhor*, não cometemos.  
Piedade, *Senhor*, se nos queixamos assim,  
mas não queremos cair em tentação,  
de um dia, *Senhor!* juntos, povão  
e irados, cometermos o pecado da ira,  
doidamente praticada por aí, *Senhor!*  
Perdoai, *Senhor*, se imprecamos nus,  
mas vestidos com a nuvem da paz  
- até Quando *Senhor?* -, crua paz, voz  
cruenta que nos sufoca e faz e refaz  
da poesia o estandarte roto do nada,  
por enquanto, *Senhor!* Amém, *Sinhô!*

# MANDADO

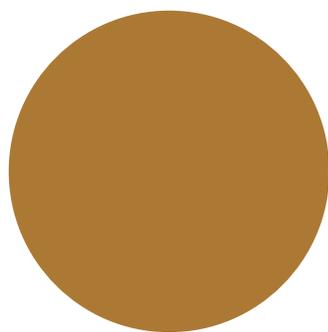
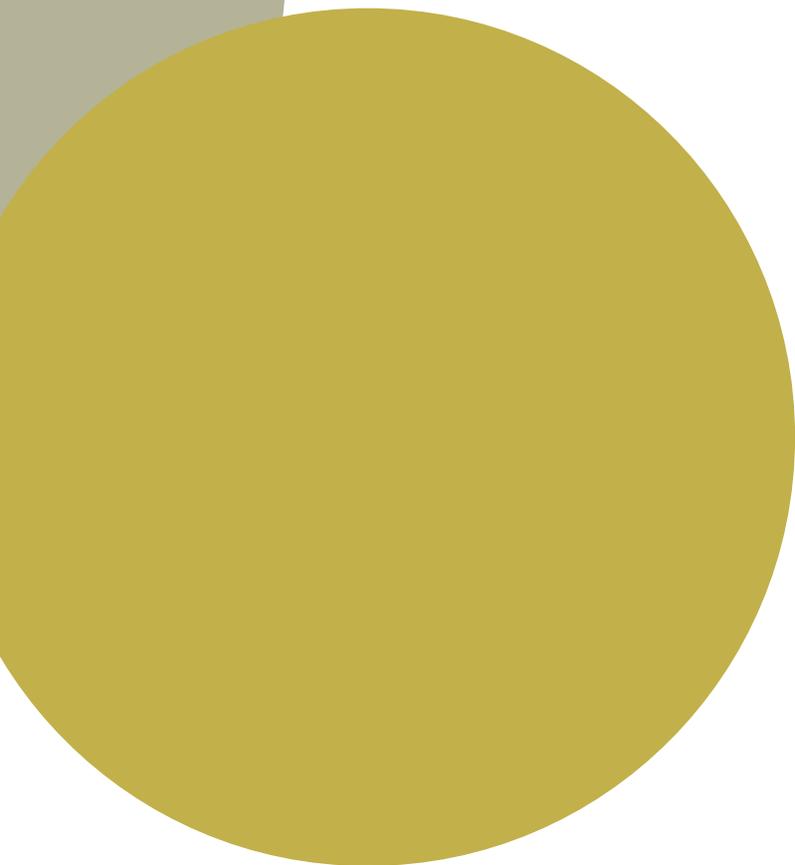


Leio uma bula  
de terras e posses,  
(gentes submissas)  
ditado de fé,  
cruel, no mundo  
desconhecido  
e  
(des)coberto  
ou  
acobertado.

Hoje as bulas  
são outras,  
no cotidiano das  
doenças dos homens.  
Receitas do capital  
volátil, as bulas  
ditam as fomes  
endêmicas.



Roteiro dos malefícios  
acrescidos  
para a cura do corpo,  
as petas ilegíveis,  
interativas  
de letras miúdas,  
assustam  
a alma dos viventes  
sonâmbulos, sem remédio.  
Leiam as medicamentosas:  
elas não trazem poesia,  
mas rezam combinações  
de fórmulas para o domínio  
dos vultos desnudos,  
no frio,  
doentes!





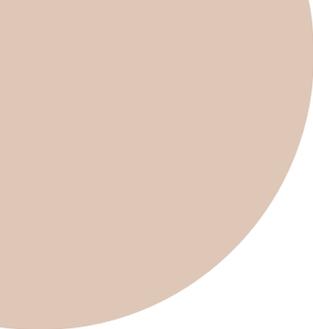
# CANTAR ASSIM



Sim. Acabo de escrever os meus 13 *Cantos* ou um *Cantorio*, com cantares e cantareios em deságuas, encantos e desencantos, nestes tempos de pandemia, em dias empestiados, por um virulento *vírus* que no nordeste do meu país é um “cabra da peste”, arribado das chinas, das itálias e franças, não das bahias, como se fosse um “diabovide”, como ouvi dizer em roda de vaquejadas, dentro da caatinga do mato de dentro, no sertão além do mar, nas terras de Canudos, do Antonio Conselheiro, que dizem há de voltar como Dom Bastião voltou um dia daqueles, com a sua força e falatório de aliciador e pregador para homens valentes e valerosos, atacadores e atracadores com facas sertanejas, e faces de fomes e astúcias, para redizer a história.

Assim digo e mais farei para posfaciar este livro que será audiotado, aerizado e imantado (viva o livro físico!) nas nuvens estelares e satelitares, um veraz *nuventival*, contra correntes de ares intempestivas maleitas pornofônicas, bestejanças ministeriais e pestiais discursos. Mas e mais farei ainda, se o paciente leitor permitir, dando 4 (quatro) “respostas?”, em um único respondimento, ao jornalista que somente busca aclarar o competente Marcos Dias que me inquisitou, como agora tento resumidamente sintetizar:

(?) porque um livro virtual e como seria o diálogo entre os poemas do *Cantorio* com os *Antigos Poemas*, qual a minha ética e meu pensar sobre o mundo em linha de escrita poética, que critério seletivo pratiquei para antologar poemas de ontem e juntá-los com os de hoje, tendo eu publicado uma antologia pessoal, quando entrei na oitentonidade, a qual intitulei de *Veza a Veza*, e não promovi ainda o seu lançamento físico.



Avalio que sou um velhote dentre os oitentões que ainda faz uma **poesia da insurgência**, que na juventude participou de um grupo de rapazes e moças contagiados pela insujeição existente e pulsante nas letras e nas artes, especificamente ainda interessados com a postura e a produção dos modernistas de 1922, com o nacionalismo de o petróleo é nosso, com o desenvolvimentismo da SUDENE, com a vigência cultural da Universidade Federal da Bahia, do Clube de Cinema, do embrionário Museu de Arte Moderna da Bahia, nos escombros incendiados do Teatro Castro Alves, onde ocorreram montagens teatrais bastante inovadoras, com a Escola de Teatro da UFBA, e também concertos de música clássica, assim como exposições no *hall* do teatro, instituições então lideradas por Edgard Santos, Walter da Silveira e Lina Bo Bardi, personalidades fortes, ideologicamente divergentes, mas positivamente operosas, conviventes no saber, com a plantação de frutos culturais, idéias, esperanças e ideais nas cabeças dos então jovens e interessados espectadores desta cidade, por mim hoje rebatizada *Salvadolores*, todo um conjunto de princípios esboroados, arrelaxados e empuxados escada abaixo, como foi em 1964 e agora pinta de novo que pode ser igual ou pior.

Sim. Acabo reticente, sem muita aclaração ao perguntado, para não esgotar o meu palavreio, discurseira ou como hoje é dito “narrativa”, pois ainda vou exhibir as minhas caixetas de letrinhas, ou VERBOCAIXETAS, que as tenho para dar a conhecer em drágeas poéticas do Fernão Peretz:

# DOZE VERBOCAIXETAS

Curtir o nada  
para sentir  
o tudo.

Saber o verbo  
para escrever  
o poema.

Navegar o  
oceano para ter  
o profundo.

Praticar o voto  
para exercer  
a cidadania.

Reconhecer a  
diferença  
para democratizar  
o governo.

Usar a letra  
para fazer  
o letrado.

Acabar o poema  
para descansar  
a musa.

Aboiar o canto  
para espantar  
o medo.

Lembrar a vida  
para buscar  
o passado

Ter os oitenta  
para recontar  
os dias

Esperar a morte  
para encontrar  
o eterno.

Pensar o futuro  
para sonhar  
a esperança

© 2021, Fernando da Rocha Peres.

**Imagens:**

Pexels

Unsplash

Wellcome Collection. Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Wikimedia Commons

***Bandas sonoras para Cantovamos, Cantovida e Cantobio a saber:***

<https://www.youtube.com/watch?v=KTKVgaY56NI&feature=youtu.be>

[https://www.youtube.com/watch?v=O2S\\_o55WB20&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=O2S_o55WB20&feature=youtu.be)

<https://www.youtube.com/watch?v=AwxvjrEkTg&feature=youtu.be>

---

Peres, Fernando da Rocha.

Cantorio e antigos poemas / Fernando da Rocha Peres. – Salvador:  
Edições Égua Dor, 2021.  
106 p. ; PDF.

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.1

---

Elaborada por Sandra Batista de Jesus – CRB-5/1914



No dia 20 de fevereiro de 2021 foi concluída a formatação do *Cantorio e Antigos Poemas*, Salvador, Bahia, Brasil, editado pelas edições Égua Dor, em processo digital, com autoria textual de Fernando da Rocha Peres, concepção e ilustração da capa de Eidi Feldon, desenho gráfico de Gabriela Nascimento, digitação de Bruno Lopes do Rosário e revisão de Caio Pio Ramilhete.

